

O PÓS-PORNÔ: POR UMA PORNOGRAFIA COMO FERRAMENTA DAS LUTAS FEMINISTAS.

Maria Ruiz Ruiz

Resumo:

Este artigo tem como objetivo elaborar uma reflexão da relação entre sexualidade, gênero e mídia através do desenvolvimento da pornografia nos últimos anos. O conceito de pornografia será entendido como representação da sexualidade enquanto produto comercial. No entanto, também devemos ter em consideração o surgimento das resistências dentro do pornô pela influência das mais recentes teorias e práticas (pós) feministas. Para realizar esta reflexão o artigo vai considerar, em primeiro lugar, a relação entre sexualidade, gênero e pornografia nas sociedades ocidentais contemporâneas; em segundo lugar, vamos percorrer uma breve revisão histórica da sexualidade e da pornografia; em terceiro lugar, vem a reflexão acerca dos enfrentamentos feministas enquanto à questão da censura pornográfica; seguidamente a questão para abordar vai ser a relação da performance com a pornografia; e em último lugar, as novas propostas transgressoras incluídas dentro do que vem se chamando “pós-pornô”, quais são as referências teóricas e os objetivos políticos.

Palavras-chave: sexualidade, gênero, pornografia, censura, pós-pornô, performance, poder e política.

Introdução: Sexualidade, gênero e pornografia.

Para começa, é importante aclarar que neste artigo o termo “sexualidade” vai ser considerado nos termos de Foucault, ou seja, sexualidade como dispositivo de poder. Um poder que, segundo o autor, tem a característica de amarrar e libertar, além de ser um poder que engloba tudo e é promovido de todos os lugares. Um poder que reprime o sujeito e ao mesmo tempo o liberta, que vem de baixo dessas relações menores e se consolida nas instituições (FOUCAULT, 1997). Por tanto, trata-se de um poder que se manifesta através de dispositivos como é sexualidade.

Nesse sentido, para a análise da sexualidade, é fundamental levar em consideração o fato de *se falar de sexo*: quem fala sobre ele, os lugares e os pontos de vista de quem fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz. Resumindo, prestar atenção ao chamado “fato discursivo” global, à “colocação do sexo em discurso” (FOUCAULT, 1997).

A questão é analisar que canais, e a através de que discursos o poder consegue chegar às condutas mais íntimas. Identificar os elementos que influenciam nossos desejos, e de que maneira esse poder penetra e controla o prazer no cotidiano. Desta forma, ao considerar as idéias de Foucault, as perguntas fundamentais são: Quais são os canais que na contemporaneidade difundem o discurso sobre o sexo? Que faz que determinados elementos nos provoquem excitação e outros não? Através de que mecanismos se geram os nossos desejos mais profundos?

Rubin (1984) mostra, através da desconstrução do chamado sistema sexo/gênero em “Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality”, como sexualidade e gênero são dois sistemas distintos, que se interconectam e avançam se entrelaçando. Se baseando nesta premissa, Carol Vance (1995) insiste em que:

Para os pesquisadores da sexualidade, a tarefa não consiste apenas em estudar as mudanças na expressão do comportamento e atitudes sexuais, mas em examinar a relação dessas mudanças com alterações de base mais profundas no modo como o gênero e a sexualidade se organizam e inter-relacionam no âmbito de relações sociais mais amplas (VANCE, 1995:12).

Portanto, sexualidade e sexo tradicionalmente relegados ao âmbito privado, íntimo e doméstico devem se pensar interconectados com os processos sociais, históricos e políticos. Atualizando as considerações da autora, não devemos esquecer também o grande leque e a importância que têm as novas tecnologias midiáticas na nossa contemporaneidade ocidental capitalista.

Vemos como no século XX, o surgimento da indústria do pornô legalizado nos países ocidentais chega a provocar fortes demarcações na sexualidade, ou ao menos em como esta é representada. Isso quer dizer que a produção de sujeitos sexuados se apresenta como um processo público e mais especificamente como um processo também virtual. Por isso, como falei acima, não se pode pensar sobre sexualidade na contemporaneidade ocidental sem ter em conta as mudanças tecnológicas dos últimos anos.

Assim, um dos objetivos desse artigo é refletir sobre a base desta relação entre sexualidade, gênero e mídia ao usar como fio condutor a pornografia. Portanto, a reflexão vai girar entorno ao significado do pornô como representação da sexualidade, uma representação que é transformada em produto comercial na contemporaneidade ao

mesmo tempo em que presenciamos o surgimento das resistências que aparecem à luz das novas teorias (pós)feministas.

Assim sendo, vou entender “pornografia” como ponto onde se interconectam gênero, sexualidade e mídia. Pornografia como indústria, como dispositivo de poder comercial que regula os desejos através de imagens, mas também pornografia como meio para se visualizar corpos dissidentes e práticas consideradas “perversas” e marginais.

Segundo Beatriz Preciado (2008) a pornografia é um dispositivo virtual (literário, audiovisual e cibernético) cujo objetivo é a masturbação. Esta autora reflete sobre como este sistema tem a capacidade de estimulação o espectador, mas trata-se de uma estimulação que se produz independentemente da própria vontade e dos mecanismos que governam a produção do próprio prazer. Mais tarde, em seu livro “Pornotopia: arquitectura y sexualidade em Playboy durante la guerra fria”, Preciado define pornografia como “(...) uma representação da sexualidade que aspira a controlar a resposta sexual do observador” (PRECIADO: 2010: 141).

A pornografia desta forma entendida, com o objetivo de controlar e motivar a resposta do observador aparece nos finais do século XIX (LEITE, 2006). Trata-se de um fenômeno recente e considero que todo o material pornográfico gerado nos últimos anos é um elemento muito importante na hora da análise dos padrões sexuais aceitos na nossa contemporaneidade, já que, sem dúvida, estes padrões estão muito relacionados com o sistema gênero dominantes e com a formação da nossa corporeidade. Como diz Jorge Leite Júnior, “mais do que liberar a fruição dos prazeres, a pornografia legalizada explicita uma padronização dos desejos e uma domesticação dos corpos talvez nunca encontrados antes” (LEITE JÚNIOR, 2006: 15).

Rubin (1984) ao falar da hierarquia sexual e do *círculo mágico* (ou seja, “sexo bom”, normal, natural e sagrada) versus os limites exteriores (“sexo mau”, anormal, antinatural e maldita) situa a pornografia dentro deste último grupo junto com sexualidades “homossexual”, “sem matrimônio”, “promiscua”, “não procriadoras”, “comercial”, “solo ou em grupos”, “esporádico”, “intergeracional”, “em público”, “pornografia com objetos manufaturado” e “sodomismo”. Em contraposição a “sexualidade boa”, ou seja, a “heterossexual”, “marital”, “monógama”, “reprodutiva” e “não comercial” e dentro da mesma geração (RUBIN, 1984).

Observamos como a pornografia é já considerada uma prática marginal ao ser localizada dentro deste grupo de “mau sexo”. Mas dentro da própria pornografia também existe uma hierarquia que se corresponde de alguma forma com o “circuito mágico” de Rubin. Podemos observar como o chamado por Leite (2006) “gozo legítimo” dentro da pornografia legal comercial *mainstream*, corresponde com imagens de casais heterossexuais, mas também de gays e travestir todos dentro dos padrões de beleza aceitos pela sociedade (DIAZ-BENITEZ, 2009)

E na fila do pornô *mainstream*, também dentro da pornografia legal, existe outro tipo de pornô de “gozo ilegítimo”: o pornô bizarro que inclui práticas sadomasoquistas e fetichistas. Dentro desta última categoria que chamarei (tomando emprestado de Leite Junior o conceito) de “pornografia de gozo ilegítimo” é onde se situa o consumo e prática do chamado “pós- pornô”.

Pornografia e poder: uma história de transgressão, censura e comercialização

Segundo Leite (2006) os antecedentes da atual pornografia localizam-se dentro dos séculos XVI a XVIII, quando as novas tecnologias de impressão aumentaram a produção e difusão de materiais com conteúdo eróticos e realistas. Observamos então como a produção de material erótico sempre vai estar unida com sua difusão entre as camadas mais populares e em relação com as novas tecnologias e a comercialização.

O primeiro antecedente é situado na Itália: Pietro Aretino como um dos grandes escritores do século XVI cujos textos satíricos e transgressores unidos as gravuras de Guliano Romano, começam a transgredir os valores de uma elite conservadora. Assim, até meados do século XIX, este tipo de produção vai ter muitos adeptos. No entanto, o objetivo não era somente o gozo dos sentidos, pois estas produções eróticas e pornográficas criticavam e ridicularizavam as relações de poder existentes, sendo este um dos principais objetivos do material erótico da época (LEITE, 2006).

Também em esta época podemos identificar como a futura pornografia vai estar influenciada pelo racionalismo, a filosofia materialista e a mecanização dos corpos. No final do século XVIII aparece uma figura muito importante: o Marquês de Sade. Ele vai criticar o racionalismo iluminista, sendo totalmente a favor do prazer sexual egoísta, culto à violência e a condutas transgressoras e provocativas com o sistema católico

dominante. Por tudo isso Sade é uma figura considerada por Leite como o precursor da atual pornografia bizarra (LEITE, 2006).

No referente à “fala do sexo”, como salienta Foucault (1997) já no século XVIII aparece uma onda que incita a falar do sexo através das confissões pastorais católicas. Confissões nas quais era muito importante falar do mais mínimo detalhe. Vai se dar muito valor aos pensamentos, desejos, imaginações, ao mesmo tempo em que se expande a idéia de que a carne é a origem de todos os pecados. Como o autor mostra, em este momento se coloca “o sexo em discurso”.

No mesmo século, aparece a questão da “população” como problema econômico e político. Os jovens Estados Nacionais começam a perceber de que forma a fortuna de um país não depende somente do número de cidadão ou das regras de organização familiar, mas da maneira como cada qual usa seu sexo. Aparece a análise das condutas sexuais, tentando fazer do comportamento sexual dos casais uma conduta econômica e política. Desse modo, a sexualidade passa a ser considerada pelos Estados como uma questão pública (FOUCAULT, 1997).

Já no século XIX com a invenção da fotografia e o cinema a capacidade de produção de material pornográfico aumenta. Isso junto com a aglomeração de população anônima nas cidades facilita que o consumo destes produtos vire um espetáculo.

Leite (2006) relaciona a comercialização do prazer e o sexo com o capitalismo, quando a Igreja coloca os prazeres sexuais fora do casamento. E com a entrada da burguesia no sistema de relações, a idéia de luxo é logo substituído pelo “conforto” burguês onde a intimidade é primordial. É nesse momento que aparecem os assim os chamados “museus secretos”, coleções de produtos eróticos.

Graças aos avanços nas tecnologias de imprensa, nas décadas seguintes aparecem pela primeira vez a pornografia como categoria. Assim a pornografia aparece intimamente ligada com o objetivo de excitação erótica, e está muito relacionado com uma produção padronizada cujo fim é o de enxergar a um mercado estabelecido

Nestas novas mercadorias, o sexo perde sua intenção de transgressão contra as estruturas sociais vigentes e torna-se expressão da uniformização dos desejos e padronização dos prazeres (...) agora a pornografia não é mais transgressiva e

questionadora, pois agora ela quer se afirmar nas atuais bases econômicas e sociais (LEITE, 2006: 64),

Nasce assim uma indústria com objetivo explícito de gerar lucro e ampliar o número de consumidores, perdendo a antiga intenção de transgressão da ordem estabelecida. Contudo, ao mesmo tempo em que aparece este gênero comercial surge, com a mesma força, a censura da parte dos setores mais conservadores. (LEITE, 2006).

De fato, no século XIX a medicina e a psiquiatria entram na cena do sexo com a patologização de várias “desviações” do modelo monogâmico heterossexual que tem o papel central. Assim aparecem as chamadas “sexualidades periféricas”. Ou seja, proliferam os discursos sobre sexo, mas não quer dizer que todos são aceitos. (FOUCAULT, 1997). Desse modo, é como no século XIX, mediante a patologização e censura vão a proliferar essas condutas desviantes, marginais e dissidentes.

Vemos como o século XIX para Foucault (1997) é o momento de construção da sexualidade como dispositivos de poder moderno. Este é o século em que os discursos sobre sexo vão sair da Igreja e vão para a área da Saúde, do Estado e da mídia. Juntos com estes novos campos legitimados a falar de sexualidade aparecem dispositivos que operam para afastar tipos de sexualidades múltiplas, sendo o objetivo regular a sexualidade que reproduz a força de trabalho e a família

Também Foucault mostra como se trata de um dispositivo que opera através de outros quatro dispositivos. Em primeiro lugar, o controle exaustivo da sexualidade das crianças. Em segundo lugar, a incorporação de novas perversões e nova especificação dos indivíduos. Por exemplo, o sodomita passa a ser homossexual e aparece essa produção da verdade sobre a origem da homossexualidade, a questão passa a ser a busca de verdade do sexo. Em terceiro lugar, se destaca como neste momento se vai mais além do que a proibição, com exames médicos, controles psiquiátricos e controle da família. E por último, estão os dispositivos de saturação sexual, que limitam a sexualidade ao espaço do casão heterossexual de família nuclear e dentro da relação conjugal (FOUCAULT, 1997).

Assim, estes dispositivos se materializam de alguma forma nas leis. Rubin (1984) mostra como em Inglaterra e nos EUA no século XIX inaugura-se um período de

cruzada da moralidade com a consolidação da moralidade vitoriana e o aparato de coerção social, médica e legal.

A primeira lei contra a obscenidade nos EUA foi aprovada em 1873, a qual convertia em delito federal qualquer relação com imagens e livros considerados obscenos. Com esta legislação federal, a maioria dos estados aprovaram suas próprias leis anti obscenidade, que só se começaram a derrogar nos anos 50, durante a guerra fria. As consequências desta censura e perseguição ainda vivem, por exemplo, com a idéia de que a masturbação é pernicioso pra saúde, também a idéia de que um contato prematuro com o sexo era pernicioso para as crianças (RUBIN, 1984).

Em contraste com esta repressão e censura, também nos anos 50, o arquiteto norteamericano Hugh Hefner com seu projeto da revista PlayBoy revolucionava as formas de sexualidade masculinas ao desencaixar ao homem americano das figuras puritanas familiares de pós guerra. Consumo, luxo, status, tecnologia e pornografia leve são relacionadas no apartamento de solteiro de Hefner criando uma importante “pornotopia” arquitetônica-midiática que, de alguma forma, perdura até hoje (PRECIADO, 2010). Em esta década, a preocupação dos EUA era defender a família tradicional como uma questão de patriotismo e força nacional. Assim, a ameaça principal vinha dos homossexuais e os “delinqüentes sexuais”.

Mais tarde, a oposição da direita a educação sexual, homossexualidade, pornografia, aborto e sexo pré-matrimonial passou da direita para o centro da cena política de 1977, no momento que a direita e o fundamentalismo religioso descobriram que estes assuntos eram de interesse massivo (RUBIN, 1984).

Vemos um paradoxo curioso, o consumo e produção de pornografia se intensificam ao mesmo tempo em que a censura o estigma e proibição das sexualidades periféricas vira uma característica própria de nossas sociedades ocidentais modernas.

Este paradoxo foi bem explicado quando Foucault (1997) expõe a “hipótese repressiva”. Ele coloca três perguntas fundamentais: repressão do sexo é uma evidência histórica? Censura e negação são as formas pelas quais o poder se manifesta geralmente? E por último... Será que na atualidade essa repressão está superada ou mascarada?

A questão fundamental é saber se a censura do sexo é uma das características das sociedades moderna, mas o autor chega a conclusão contrária. O que realmente

acontece nas sociedades modernas é que chega a se constituir uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos. Desse modo, o que é próprio das sociedades modernas é o fato de que a “fala sobre sexo” se valoriza mais pelo fato de ser um segredo. É assim como, todos esses elementos negativos (proibições, recusas, censuras, negações) que a hipótese repressiva recolhe, são somente peças que tem uma função tática dentro do discurso, trata-se de uma técnica de poder. De fato, desde o século XIX até hoje uma tarefa principal do mundo ocidental é dizer tudo sobre o sexo. (FOUCAULT, 1997).

Em definitiva, no curso da história da sexualidade ao redefinir as regras dos poderes e dos prazeres dando lugar à visibilidade de múltiplas sexualidades. Por último, Foucault destaca como em este século, aparece uma “fisionomia rígida das perversões” e de que forma estas perversões consolidam o próprio poder controlador da medicina e da mídia. Assim, essas perversões são definidas como efeito-instrumento do próprio poder:

... é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações de poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas(...) proliferação das sexualidades por extensão do poder; majoração do poder ao qual cada uma dessas sexualidades dá um campo de intervenção: essa conexão, sobretudo a partir do século XIX, é garantida e relançada pelos inumeráveis lucros econômicos que, por intermédio da medicina, da psiquiatria, da prostituição e da pornografia, vincularam-se ao mesmo tempo a essa concentração analítica do prazer e a essa majoração do poder que controla.(FOUCAULT, 1997: 48).

É preciso abandonar a hipótese de que as sociedades industriais modernas inauguraram um período de repressão mais intensa do sexo, pois é o período de explosão de “sexualidades heréticas”, ou seja, de sexualidades periféricas e dissidentes. Vemos como a mídia e suas novas tecnologias são fundamentais para favorecer essa explosão da visibilidade de sexualidades tanto heréticas como normativas.

Assim, no século XX com o decorrer da história na década dos 70, e através do cinema, se inicia a legalização da pornografia como negócio, estabelecendo uma indústria própria de filmes pornô. Já nos 80 com o videocassete a pornografia se consolida legalmente como um ramo de “entretenimento para adultos” e nos anos 90, com a chegada da internet a pornografia experimenta um novo impulso com a criação de grão variedades de imagens (LEITE, 2006).

Ao mesmo tempo, na década dos 90 aparece um grupo de feministas (ou transfeministas) que pretendem contestar esta indústria do pornô e o modelo de sexualidade que ele reproduz. Usando de novo a transgressão, ou seja, usando de novo a pornografia como um meio de luta política para questionar o sistema heteronormativo que o pornô mais comercial afirma.

Pornô e feminismo: posturas enfrentadas e a “teoria radical do sexo”.

Segundo Rubin (1984) as disputas sobre a conduta sexual têm muito a ver com as disputas religiosas de séculos passados. A sexualidade deve se tratar com especial interesse em épocas de tensão social forte, pois

O sexo é sempre político, mas tem períodos históricos nos quais a sexualidade é mais intensamente contestada e mais abertamente politizada. Em tales períodos, o domínio da vida erótica é, de fato, renegociado (RUBIN, 1984: 2).

Ou seja, dentro do sistema sexual não existe uma estrutura coerente, já que se produzem constantemente batalhas sobre as definições, valorações, privilégios e cuidados da conduta sexual.

A ideologia sexual tem um papel fundamental na experiência sexual. Dessa forma, as definições e valorações da conduta sexual são objeto de muitas lutas. Por exemplo, lutas entre os principais produtores de ideologia sexual como são a igreja, família, médios de comunicação e os médicos (RUBIN, 1984). Como veremos, dentro do feminismo, também existem estas lutas no que se refere à definição, valoração da conduta sexual e os desejos sexuais.

Em primeiro lugar, vamos ver uma explicação das duas posturas feministas na questão da pornografia, posturas que aparecem na década dos 80:

De um lado, “*Women Against Pornography*” (Mulheres contra a pornografia) grupo criado em 1979 por feministas a favor da censura da pornografia. A crítica que estas feministas fazem à pornografia é que esta é uma forma de expor a mulher como objeto dos homens, reforçando a idéia da mulher que gosta de ser maltratada e estuprada. Afirma-se que através da pornografia se reforça o poder do patriarcado. Estas tendências tiveram seu resultado nos Estados Unidos quando as posturas feministas

anti-pornografia se aliaram com a direita estadunidense mais conservadora (PRADA, 2012). Pressupõe-se que a pornografia leva ao sadomasoquismo e à violação. Ao mesmo tempo, vemos como a direita se opõe à pornografia e tem adotado elementos da retórica feminista anti-pornô.

Entre as feministas que estão dentro de esta postura encontramos a Andrea Dworkin e Catherine MacKinnon a qual apresentou uma lei contra a pornografia que permitia às mulheres processar a produtores e distribuidores de pornografia. Vemos como esta postura não reflete sobre a apropriação dos meios de comunicação, simplesmente criminalizam a prática pornográfica e propõe a censura.

Do outro lado, o grupo FACT “*Feminists Against Censorship Taskforce*”, as quais publicaram o livro “*Women Against Censorship*” (Mulheres contra a censura). Dentro deste grupo encontramos algumas autoras como Lisa Duggan, Nan Hunter, Carole Vance e Gale Rubin, as quais expressaram sua oposição à restrição sexual, e à necessidade de aceitação dos prazeres, sendo a pornografia uma possível ferramenta para a emancipação das mulheres (PRADA, 2012).

Enquanto ao primeiro grupo de feministas anti-pornografia, Rubin identifica vários “pânicos morais” que surgem em torno à sexualidade como são: o medo do sadomasoquismo pela parte do movimento feminista e o uso que a direita está fazendo da Aids para incitar a homofobia (RUBIN, 1984). Então vemos, como a ideologia feminista anti-pornografia sempre tem condenado o sadomasoquismo. Mas segundo Rubin (1984), o resultado de criminalizar condutas sadomasoquistas, é simplesmente o resultado desse pânico moral que leva à marginalizar legalmente uma comunidade de pervertidos. Coincidiu com a autora em questionar que essa “caça de bruxas” contribuiu à alguma redução da violência contra as mulheres.

Rubin (1984) quando propõe uma “Teoria radical do sexo” vai elaborar uma crítica das feministas anti-pornografia ao mesmo tempo em que se posiciona a favor da postura do grupo FACT. Ela expõe que devido à falta da “Teoria radical do sexo” a maior parte dos progressistas recorrerem ao feminismo na hora de pensar sobre sexo.

O problema segundo ela, é que as feministas do movimento anti-pornografia estão contra de qualquer expressão sexual e dentro desta lógica fechada:

O lesbianismo monógamo que se dá em relações íntimas prolongadas e que exclui a polaridade de papéis tem substituído o matrimônio heterossexual procriador como o vértice da pirâmide hierárquica de valores (...) e as profundidades da hierarquia estão ocupadas pelo grupos e condutas habituais: prostituição, transsexualidade, sadomasoquismo e relações intergeracionais” (RUBIN, 1984, 45).

Rubin (1984) continua explicando como, em parte, a atual ideologia sexual mostra que o desejo é um atributo exclusivo dos homens e o atributo das mulheres a pureza. Dessa forma, as mulheres são excluídas do sistema sexual, assim, a pornografia e as perversões são consideradas masculinas. Sobretudo no referente às perversões, as mulheres têm que vencer muitas limitações para poder participar delas.

Para concluir este tópico gostaria de me deter na necessidade do que Rubin chama “Teoria radical do sexo”, a qual tem a tarefa de:

identificar, descrever, explicar e denunciar a injustiça erótica e a opressão sexual. Precisa, por tanto, de instrumentos conceituais que possam mostrar o objetivo a estudar. Deve constituir descrições ricas sobre a sexualidade, da forma como esta existe na sociedade e na história, e requer de uma linguagem crítica convincente que transmita a crueldade da perseguição sexual” (Rubin, 1984, 13).

Segundo Rubin (1984) alguns axiomas fundamentais do atual pensamento sexual que dificultam o desenvolvimento da teoria radical do sexo são, em primeiro lugar, o essencialismo sexual, ou seja, a idéia de que o sexo é um elemento natural que existe com anterioridade à vida social e a modela. Esta idéia está profundamente enraizada no saber popular das sociedades ocidentais, que considera o sexo como algo imutável, a social e trans-histórico. Uma vez que o sexo for compreendido em termos de análise social e histórico será possível uma política sexual mais realista.

Em segundo lugar, o fato da negatividade sexual, ou seja, pensar que o sexo é ruim, próximo do pecado. Para que o sexo não seja demoníaco o sexo tem que ter um objetivo, como por exemplo, matrimônio, reprodução ou amor. Em terceiro lugar, a mentira da escala perdida, esta quer dizer que se atribui grão importância aos atos sexuais. Em quarto lugar, a valorização hierárquica dos atos sexuais (em baixo situam-se transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, prostitutas e aqueles que trabalham como modelos na pornografia). Em quinto lugar, a “teoria do domínio do perigo sexual”, ou seja, determinadas práticas ruins vão te levar a outras consideradas piores. E por último a ausência do conceito de variedade sexual (RUBIN, 1984)

A crença na essência e na verdade do sexo é umas das características que tanto Rubin como Foucault como Butler, destacam como característica própria da construção da sexualidade na modernidade. O ponto chave para desconstruir essa essência do sexo é começar a pensar o sexo e o gênero como performance.

O gênero performativo: o corpo na pornografia.

Judith Butler (2003) em “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” têm uma proposta política para quebrar com este processo que leva a essencializar o sexo e gênero. A chave é pensar em descontinuidade e incoerência e assim desfazer o gênero, alterar essa coerência para quebrar com a “verdade do sexo”.

De forma geral, os gêneros que são aceitos, são aqueles dentro dos quais existe uma coerência na “matriz de inteligibilidade”, ou seja, entre “sexo, gênero, prática sexual e desejo”. A ausência de continuidade e estabilidade gera um grande desconforto e confusão (BUTLER, 2003).

Seguindo a lógica da autora, tanto no sexo como no pornô, o corpo deve ser pensado como ato performativo, ou seja, o gênero não como entidade unida aos genitais, ou a mente. O corpo deve ser entendido como ato diário, performativo, e dessa forma é que nós podemos quebrar com a idéia de que o gênero está em uma verdade interior inacessível (BUTLER, 2003).

O corpo então é modelado pelo gênero. Esse gênero segue as regras e proibições “que reduzem a identidade nas grades culturalmente inteligíveis a uma heterossexualidade idealizada e compulsória” (BUTLER, 2003: 194).

Por tanto, os gestos, atos e os desejos são performativos no sentido em que se manifestam na superfície do corpo como uma manifestação de uma verdade interna. Porém, essa verdade interna é totalmente fabricada. O gênero é considerado “uma repetição ritualizada de performances de gênero”. Dessa forma, o travesti revelaria como é que se cria a ficção de uma substancia, através da repetição.

Por exemplo, no pornô mainstream os corpos feminino e masculino são preparados para cumprir os padrões de beleza normativos de gênero masculino/feminino através da inclusão devárias próteses (como são: salto alto, silicone, unhas de gel). Assim, a performatividade feminina das mulheres está baseada na exibição de grandes seios,

corpos magros, bunda empinada e unhas chamativas; enquanto que a exigência dos homens tem um corpo musculoso e um grande pêne.

Também, a performatividade do corpo que segue o modelo heterossexual normativo se observa na prática sexual: o sexo é sempre espetacular, exagerado, realista, trata-se de representar atos sexuais “grandilocuentes” (DIAZ-BENITEZ, 2009). Mas além de “realista” poderíamos dizer que o pornô mainstream tem uma performance “hiper-realista”.

Assim, quando dentro das alternativas ao pornô mainstream se percebe a importância da performance, esta começa a ser entendida como a chave para a criação de um espaço político no qual se questiona o estatuto do corpo dentro do imaginário pornográfico dominante.

Para o uso da performance como ferramenta política e para uma maior compreensão da grande variedade de corporeidades, é importante separar analiticamente três dimensões da própria corporeidade: sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero. Estes três elementos se constroem separadamente dando lugar a uma performatividade corpórea determinada (BUTLER, 2003).

Com a intenção de desconstruir essa heterossexualidade idealizada e compulsória, estes pressupostos teóricos, nos anos 80, são levados na prática pela atriz pornô Annie Sprinkle com seu trabalho perfo-pornográfico. Um trabalho que se situa muito longe desse realismo próprio da pornografia mainstream.

Ela junto com Diane Torr, vão desenvolver várias oficinas sobre performatividade masculina como método de reaprender a performance da masculinidade e as diferenças na hora de ocupar o espaço com as performances femininas. Além disso, Annie Sprinkle introduz o questão da ejaculação feminina como uma ejaculação que só é produto do prazer feminino, já que não insemina e está fora da procriação. É uma forma de dar visibilidade ao prazer feminino desestabilizando e desnaturalizando as bases do pornô convencional, totalmente centrado na visibilidade da ejaculação masculina.

A prática pós pornográfica propõe aplicar o conceito de performance começando pela linguagem (usando conceitos como “biomulher” para fazer a diferença entre sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero). A proposta consiste em

misturar arte, performance e política. Tudo isso faz que a própria sexualidade seja apresentada como uma “criação artística” pela prática pós pornográfica.

A prática pós pornográfica

Será Annie Sprinkle quem em 1990 vai se proclamar como a iniciadora do pós-pornô quando colocou o nome do próprio livro “Post-PornModernist” a uma performance. No primeiro ato, ela representa uma mulher que chupa “dildos” até vomitar, depois ela começa a introduzir coisas na vagina e convida o público a olhar dentro da própria vagina, seguidamente se propõe uma reflexão conjunta com o público.

Geralmente a prática das suas performances inclui elementos como a ironia, política e feminismo. As performances tentam subverter a posição de passividade da mulher e mostrar uma sexualidade forte e agressiva. Uma mulher que usa prótese e ejacula.

Segundo Beatriz Preciado (2011) no livro “El manifesto Contra-sexual” a questão está em pensar nosso corpo todo como se fosse composto por prótese. Cada prótese, como a vagina, os peitos e o penes são “tecnologias de gênero”, já que são partes que constroem nosso gênero socialmente. Agora, graças às novas tecnologias sexuais como os “dildos” ou a pílula, graças a essa cultura protética estamos menos amarrados as nossas próteses naturalizadas.

Em contraposição ao pornô mainstream a performance do pós-pornô procura se aproximar da ficção, no sentido do conceito de cyborg de Donna Haraway, cyborg como “ficção que mapeia nossa realidade social e corporal”, “como um recurso imaginativo”. A importância de quebrar com as fronteiras entre organismo e máquina através do uso de tecnologias sexuais e prótese (HARAWAY, 2000).

Com a reunião destas ideias e propósitos, o pós-pornô aparece em EUA com Annie Sprinkle e, traz uma visita dela em Barcelona, o pós-pornô começa a enraizar na Espanha com Maria Llopis e Agueda Bañon e Diana Pornoterrorista, elas afirmam que “a multiplicidade de nossos desejos não podem ser categorizados” (PRADA, 2012). Elas acreditam na teoria queer e teoria “marica, bollera e trans”, usando as bases teóricas de Judith Butler. Em 2003 e 2007 realizaram vários vídeos como “*El striptease de mi abuela*”, “*La Bestia*” o “*Porno Terror*”.

Assim, a post-pornografia não propõe uma desapareição da pornografia, pois considera que é melhor a crítica dos preceitos e própria elaboração dos produtos. Trata-se de aproveitar a novas tecnologias e usar estas para elaborar as próprias produções.

As tecnologias da visualização relembram a importante prática cultural de se caçar com a câmera, bem como a natureza profundamente predatória de uma consciência fotográfica. O sexo, a sexualidade e a reprodução são atores centrais nos sistemas mitológicos high-tech que estruturam a nossa imaginação sobre nossas possibilidades pessoais e sociais.” (HARAWAY, 2000:74, 75)

O pós-pornô em Barcelona, segundo a entrevista (2011) realizada a Lucia Engañás Rojas (artista visual e feminista Chilena a qual elaborou um documentário que reúne entrevistas das maiores representantes do pós-pornô na Espanha), afirma, em primeiro lugar, que se trata de uma corrente do feminismo que tem como objetivo ampliar os imaginários sexuais, inventar novas formas de sexualidade e sexualizar coisas que oficialmente não estão sexualizadas.

Trata-se de uma corrente que esta relacionada com o feminismo e com o transfeminismo tentando incluir vários tipos sexualidades marginal como, por exemplo, o sadomasoquismo. Defendendo a prostituição como um exercício de determinação corporal e empoderamento. Porém, a mulher não é o sujeito do pós pornô, a proposta é um sujeito aberto, a intenção é tentar desconstruir esse binômio de gênero homem/mulher (ROJAS, 2011).

Dentro do pós-pornô é fundamental a união entre feministas pro-sex e prostitutas, já que o estigma que se gera a respeito das prostitutas (como mulheres submissas e vítimas dos homens) só serve para quebrar a solidariedade entre mulheres, isolando estas últimas. Com este argumento é como várias feministas se colocam a favor da legalização da pornografia e da prostituição (PRADA, 2012).

Por outro lado, o pós-pornô responde à indústria pornográfica com a técnica da “autoprodução”. Uma das frases típicas é: “se você não gosta do pornô que vê, faça ou seu próprio pornô” (PRADA, 2012). Desta forma, uma questão fundamental vai ser questionar os próprios desejos e mostrá-los sem vergonha e sem muito orçamento.

Segundo Lucia Engañás Rojas (2011) os espaços mais comuns onde as performances e as oficinas de pós-pornô se desenvolvem são espaços institucionais como as universidades; mas geralmente o espaço destas práticas está relacionado com os centros

sociais/culturais ocupados ou na rua. O enfoque está em apresentar que “O privado é político” e que devemos considerar o corpo e a sexualidade como um espaço de ação política.

Conclusão

A sexualidade e o gênero são elementos que devem ser analisados tendo em consideração as recentes mudanças tecnológicas. Desta forma, vemos como as novas tecnologias mediáticas facilitam a visibilidade de grã variedade de sexualidades, além de ajudar a gerar uma indústria do pornô mais convencional.

A sexualidade desde o século XIX é identificada como uma questão política e pública. Ademais, desde essa época em nossas sociedades modernas ocidentais a censura e a proibição são instrumentos do poder que geram cada vez mais perversões. Ou seja, a censura é só um mecanismo do poder, o qual precisa das perversões para reafirmar as condutas sexuais “boas”.

Também temos observado como entre os antecedentes da atual indústria pornográfica um dos objetivos era a transgressão política, porém com o aparecimento da indústria capitalista do pornô abandona-se a crítica política ao reunir elementos que reforçam as relações desiguais de um sistema de gênero heteronormativo e monógamo como vértice da pirâmide hierárquica.

No entanto, a nova corrente do pós-pornô retoma essa transgressão política mediante as práticas sexuais “perversas”, a ironia, o uso de próteses, risadas, piadas, união com prostitutas e através da visibilidade oferecida a outros corpos fora dos padrões de beleza estabelecidos, sempre mediante a autopromoção de e performances sexuais públicas.

Se poderia dizer que é no pós-pornô onde se tenta colocar na prática uma série de postulados teóricas feministas como são os de Rubin, Judith Butler, Beatriz Preciado e Donna Haraway. Assim, com estes instrumentos teóricos e práticos poderemos mostrar como essa verdade do sexo é totalmente fabricada.

Bibliografia

- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero* – feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. Capítulo 1, parte 4 do Capítulo 3 (Inscrições corporais).
- DÍAZ-BENITEZ M. *Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. A vontade de saber, Vol. 1, 12^a edição. Rio de Janeiro, Graal, 1997.
- HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: KUNZRU, H. e TADEU (org. e trad.) *Antropologia do ciborge-as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autentica Editora LTDA, 2009. P 35-99.
- LEITE J. Jr *Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento*. São Paulo: Annablume, 2006.
- PRECIADO B. *Testo yonqui*, Madrid: Espasa Calpes S.A, 2008.
- ----- *Pornotopía: arquitectura y sexualidad en “Playboy” durante la guerra fría*. Barcelona: Anagrama, 2010.
- ----- *Manifiesto contrasexual* (traducción de Julio Díaz y Carolina Meloni), Barcelona: Anagrama, 2011.
- PRADA, N. *Todas las caperucitas rojas se vuelven lobos en la práctica pospornográfica*. In: Cad. Pagu no. 38 Campinas jan./jun. 2012.
- RUBIN, G. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: ABELOVE, H., BARALE, M., HALPERIN, D. (eds) *The lesbian and gay studies reader*. New York: Routledge, 1984.
- VANCE, Carole. *A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico*. Physis: Revista de Saude Coletiva, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-31, 1995. Disponível em [HTTP://www.scielo.br/pdf/physis/v5n1/01.pdf](http://www.scielo.br/pdf/physis/v5n1/01.pdf).